

O TRAÇO SACRAMENTAL**DA ARTE CRISTÃ***

Dom João Justino de Medeiros Silva**

Ao ler o manifesto do XI Congresso Internacional em Ciências da Religião, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás, deparamo-nos com a afirmação de que “sempre coube às artes inaugurar o espaço de participação sensível ao conteúdo transmitido pelas tradições religiosas. As artes ‘materializaram’ o sagrado...”. De fato, pode-se dizer que há laços profundos entre religião, arte e cultura. São laços que estão na gênese de cada uma dessas vivências do ser humano. E, certamente, não é fácil separar estas experiências entrelaçadas, nem na vivência delas, muito menos na análise delas. Entendemos que a densidade da programação deste XI Congresso que amanhã se inicia, testemunha a favor do que acabamos de dizer.

Esta contribuição nasce a partir do horizonte da teologia e da pastoral, considerando os âmbitos de nossa formação acadêmica e do nosso exercício do ministério ordenado. O objetivo desta exposição é ilustrar uma afirmação que nos parece interessante, importante e oportuna, não apenas para quem investiga as relações entre religião-arte-cultura, mas inclusive para aqueles que desejam evangelizar nos dias de hoje. Para estes é sempre valiosa a compreensão mais ampla da cultura, pois não se evangelizam pessoas em abstrato. As pessoas estão sempre situadas numa determinada cultura.

A afirmação que pretendemos ilustrar é aquela que está subjacente ao título desta palestra: *há um traço sacramental na arte cristã*. O que chamamos de traço é aquele

* Recebido em: 14.05.2023. Aceito em: 02.06.2023. Conferência proferida por ocasião do Concerto de Música Sacra, em abertura ao XI Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás, na Paróquia Universitária São João Evangelista, em 17 de abril de 2023.

** Doutor e Mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Arcebispo Metropolitano de Goiânia e Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Na ocasião da conferência era o bispo referencial para a Pastoral da Cultura e Educação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Atualmente é o 1º vice-presidente da CNBB.

ponto que numa obra artística chega a tocar em nós como um apelo transcendental. A arte diviniza, nos eleva. Para ilustrar o que dissemos, atentemo-nos para o que disse São João Paulo II, em sua Carta aos Artistas, datada de 04 de abril de 1999: “Enquanto busca do belo, fruto duma imaginação que voa mais acima do dia-a-dia, a arte é, por sua natureza, uma espécie de apelo ao Mistério”. É este apelo ao Mistério que salta da expressão artística o que chamamos de traço sacramental.

É preciso esclarecer um pouco mais o que entendemos por “sacramental” no âmbito desta breve palestra. A teologia cristã – e o mesmo vale para as Ciências da Religião – não pode prescindir da abordagem antropológica. Para o cristianismo, a revelação só é possível porque o Divino se revela em linguagens compreensíveis para o ser humano. Deus, ao desejar revelar-se, teve que utilizar uma linguagem compreensível ao ser humano. Jesus Cristo é a plenitude da revelação, como anuncia a Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II: “por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano...” (GS 22). Pode-se acrescentar, sem receio, “comunicou com linguagem humana”.

Falemos mais disso. O mistério da encarnação do Verbo circunscreve o primeiro anúncio do evangelho à cultura da Palestina, ou de Israel sob o domínio do Império Romano. Por exemplo, as línguas ali faladas – hebraico, aramaico, latim e grego – compõem um arcabouço linguístico que marcará para sempre o cristianismo. Jesus falava aramaico e hebraico. Os evangelhos foram escritos em grego. O florescimento das comunidades cristãs primitivas se dá naquele contexto. O cristianismo já nasce pluricultural, como resultado do encontro do evangelho com as culturas judaica, romana e grega. A liturgia, a teologia, a arquitetura e a arte cristãs são cunhadas nesse contexto cultural. Por isso, o estudo da antropologia, ao lado de outras ciências, é de especial relevância para a compreensão da relação arte-religião-cultura.

Uma consideração antropológica de relevo é a de que só o ser humano pode fazer de um objeto um símbolo e de uma ação um rito. Neste sentido, é corretíssimo definir o ser humano como “animal simbólico”. O símbolo é consubstancial ao ser humano, parte fundamental de sua vida espiritual; é até mesmo anterior à linguagem e à razão discursiva. Quando uma realidade deste mundo evoca outra realidade diferente dela, ela assume, genericamente falando, uma função sacramental. Cada pessoa pode individualmente viver esta experiência. O cordão com a medalha que trago ocultos sob minha camisa me recordam todos os dias de minha família. Tornaram-se para mim um símbolo.

Ora, os incontáveis símbolos e ritos têm origem cultural, nascem no seio de determinada cultura, com especial incidência da experiência religiosa. Aqui posso dizer que a dinâmica dos símbolos e ritos se ancora no universo da linguagem sacramental. Há um potencial na pessoa que é de ordem sacramental, isto é, uma capacidade de simbolizar e ritualizar. Para a antropologia cristã, a sacramentalidade é um dado fundamental da visão integral do ser humano que simboliza e ritualiza.

Em termos cristãos, Jesus se serviu dessa condição antropológica para se comunicar com seus discípulos. Ele instaura símbolos e ritos, substratos fundamentais para os sacramentos: água, pão, vinho, óleo, semente, terra, toques... Jesus, ele mesmo, será chamado de sacramento por excelência do Pai. Chegou a dizer ao discípulo Felipe: “Quem me vê, vê o Pai” (cf. Jo 14,9). E Paulo fala de Jesus como “imagem/icone do Deus invisível” (Cl 1,15).

O Concílio Vaticano II (1962-1965) preferiu e recuperou a linguagem sacramental para falar da Igreja como sacramento de Cristo ou sacramento de salvação. Em outras palavras, a realidade eclesial aponta para o mistério de Jesus Cristo. Então, entende-se ser possível afirmar que da sacramentalidade da Igreja brotam os sacramentos. Sabe-se que desde o século XII, a Igreja codificou os sacramentos em número de sete. Em resposta à Lutero e a outros reformadores, o Concílio de Trento, em sua sétima sessão, ocorrida em 1547, define o setenário sacramental como sinais (sensíveis) e eficazes da graça. É importante registrar que, anteriormente, a palavra “sacramento” abrangia outras realidades mais amplas, experimentadas pela comunidade eclesial. Até mesmo o lava-pés chegou a ser apresentado como sacramento.

É muito interessante observar como o Concílio Vaticano II falou dos sacramentos e, também, dos sacramentais. É mais comum o estudo dos sacramentos. Mas nosso interesse aqui é sublinhar os sacramentais. Sobre os eles, disse o Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n. 60: “A santa Mãe Igreja instituiu também os sacramentais. Estes são, à imitação dos sacramentos, sinais sagrados que significam realidades, sobretudo de ordem espiritual, e se obtêm pela oração da Igreja. Por meio deles dispõem-se os homens para a recepção do principal efeito dos sacramentos e santificam-se as várias circunstâncias da vida” [grifo nosso].

Entre os sacramentais podem se destacar aqueles de maior importância como a dedicação da Igreja e do altar, as exéquias, a coroação de imagens sagradas, a exposição e bênção do Santíssimo Sacramento, a profissão religiosa e a consagração das virgens. Também, a iniciação à vida cristã comporta alguns sacramentais: a persignação na frente, os exorcismos, a unção com o óleo dos catecúmenos, a bênção da água e, ainda, a memória dos sacramentos, como a aspersion dominical, o sinal da cruz com a água benta e a renovação das promessas batismais. Há sacramentais para serem celebrados ao longo do ano litúrgico: bênção e imposição das cinzas, a bênção dos ramos e a procissão de entrada no Domingo de Ramos, a adoração da Cruz na Sexta-feira Santa, a bênção e procissão das velas em 2 de fevereiro, a via-sacra...

Acompanhem o que diz, ainda, o Concílio Vaticano II na Constituição sobre a Sagrada Liturgia: “... a liturgia dos sacramentos e sacramentais faz com que a graça divina, que deriva do Mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, onde vão buscar a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição. *A ela se deve também que não deixe de poder ser orientado para a santificação dos homens e para o louvor de Deus o bom uso das coisas materiais*” [grifo nosso] (SC 61).

Ora, para além dos sacramentos e dos sacramentais, há outras coisas (materiais) que podem contribuir para a santificação das pessoas e para o louvor de Deus. Aqui delineamos a arte como referência às coisas materiais que têm o potencial de atrair para o Mistério. Entendemos que na arte, e não apenas na arte cristã, há então um traço sacramental, um apelo ao Mistério. Ajuda-nos, novamente, São João Paulo II, na mesma Carta aos Artistas já citada, quando ele diz: a arte “mesmo fora das suas expressões mais tipicamente religiosas, mantém uma afinidade íntima com o mundo da fé, de modo que, até mesmo nas condições de maior separação entre a cultura e a Igreja, é precisamente a arte que continua a constituir uma espécie de ponte que leva à experiência religiosa”.

Para ilustrar o que dissemos, vamos considerar brevemente o traço sacramental da (a) imaginária sacra, (b) da música e (c) da literatura.

Sobre a imaginária sacra, venha em nossa ajuda o grande teólogo e Papa Bento XVI. Tomo como referência sua obra de 1999, Introdução ao Espírito da Liturgia. No capítulo intitulado “A questão das imagens”, escreve o então Cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé: “A isenção de imagens não é compatível com a Encarnação de Deus. Mediante os seus atos históricos, Deus entrou no mundo dos nossos sentidos, a fim de se tornar transparente em relação a ele. As imagens do belo, que tornam visível o mistério de Deus invisível, fazem parte do culto cristão. [...] O Iconoclasmo não é uma opção cristã” (RATZINGER, 2006, p. 96-97). Pontua, ainda que a “sacralidade da imagem baseia-se precisamente na sua proveniência do olhar interior, o qual gera uma visão interior” (RATZINGER, 2006, p. 98). Assim, as imagens são como que assistentes da liturgia, diz Ratzinger. Para ele, a arte sacra tem nas imagens da história da salvação os seus conteúdos, desde o início com a criação até o dia da Ressurreição e a Parusia, ou dia de retorno glorioso de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Estamos aqui nesta igreja paroquial, um belo exemplar da arte cristã. Não poderíamos deixar de apontar o traço sacramental ou os traços sacramentais aqui potencialmente presentes na arquitetura, nos afrescos, azulejos, mosaicos e na imaginária. Todos estes elementos artísticos “tocam o espírito e possibilitam, pela linguagem estética, contemplar os infinitos horizontes da verdade plena”, como escreve o Prof. Wolmir Therezio Amado, ex-reitor da PUC Goiás e que muito se empenhou pela conclusão das obras desta igreja. Ressaltem-se os nomes dos artistas. Os afrescos, azulejos e mosaicos são obra de Wilson Jorge, artista goiano, natural de Pires do Rio, com muitas obras em igrejas da arquidiocese e região. O projeto arquitetônico é do Prof. Pedro Ernesto. Nesta igreja são muitos os elementos artísticos que demandam tempo para contemplação, meditação e oração. A pressa de nossa vida hodierna somada à velocidade que damos ao ritmo de nossa vida e ao grande volume de estímulos das telas de nossos smartphones nos dificultam dedicar tempo para degustar a beleza que está inscrita neste edifício religioso. Em cada elemento artístico pode-se perceber o traço sacramental ou apelo ao Transcendente.

Passemos agora ao exemplo de outra arte. Quando se trata da música e do canto, deparamo-nos com uma das expressões artísticas omnipresentes nas culturas e nas religiões. Para

ilustrar: o verbo cantar é um dos mais usados na Bíblia (309 vezes no AT e mais 36 no NT). Especialmente nos livros sapienciais da Bíblia aparecem citados diversos instrumentos musicais a atestar como a música e o canto são um modo de comunicar sentimentos e compreensões por vezes inefáveis. A música e o canto elevam o espírito do ouvinte e dos músicos e cantores.

Para Ratzinger, a música sacra tem uma chave trinitária. Diz ele: “o Espírito Santo é o amor e é ele que gera o canto. Ele é o Espírito de Cristo. Ele atrai-nos para dentro do amor de Cristo, guiando-nos assim ao Pai”. Citando Santo Agostinho: “*Cantare amantis est*”, ou seja, cantar é assunto do amor. Ou ainda, é no fundo do amor que nasce o canto (RATZINGER, 2006, p. 105-106).

Quem não se deleita, por exemplo, ao ouvir coro e orquestra apresentando *Panis Angelicus*? Ou ainda *Ave Verum Corpus* de Mozart? São peças eminentemente religiosas, precisamente da tradição cristã, cuja beleza invade e pervade nosso espírito. São apenas dois exemplos de músicas sacras com evidente traço sacramental.

Lembremo-nos do belíssimo espetáculo apresentado em setembro passado no Teatro Baileu França de nossa cidade. O espetáculo *Te Deum: Hinos Brasileiros – Homenagem ao Bicentenário da Independência do Brasil* foi apresentado pela Orquestra Sinfônica de Goiânia, juntamente com os Corais Sinfônico e Juvenil de Goiânia, sob a regência do maestro Eliseu Ferreira. Foram apresentadas versões do célebre hino cristão musicadas por diversos compositores, desde o século XVIII aos dias atuais, com a primeira audição de um *Te Deum* em agradecimento pelo fim da pandemia de Covid-19, da autoria do Prof. Dr. Fernando Cupertino. Viveremos experiência semelhante daqui a pouco com o concerto que se seguirá a esta palestra.

E se procurarmos na Música Popular Brasileira, também aí encontraremos canções nas quais há um traço sacramental ou um apelo para abrir-se ao Mistério, ao transcendente. Há neste campo muitas pesquisas interessantes que buscam identificar mística e espiritualidade nas letras e canções da MPB. Muitas canções poderiam ser lembradas, não fosse agora curto nosso tempo para esse exercício.

Falemos agora de literatura. A literatura é outra expressão artística que muito dialoga com a religião. Não apenas porque a religião oferece temas à literatura, mas sobretudo porque a literatura, com constante frequência, tem suas letras invadidas pela luz que apela ao Mistério. Como afirma o prof. Alex Villas Boas, historicamente, foi a literatura, “em suas diversas formas poéticas, mitológicas e/ou narrativas, que inaugurou a tarefa de cultivar o espírito humano a se abrir a algo maior que ele, e assim se descobrir como sempre em advento de sua própria espécie” (BOAS, 2016, p. 14).

A primeira forma de teologia é literária. As Sagradas Escrituras ou Bíblia testemunham esse dado. Por sua vez, a própria liturgia cristã se alimenta dos textos de diferentes gêneros, incluindo a narrativa e a poesia dos salmos e dos hinos bíblicos, por exemplo.

Nos últimos anos desenvolveu-se toda uma corrente de estudos sobre Teologia e Literatura. A primeira vez que ouvi falar desses estudos foi na década de 90, quando escutei uma conferência do Prof. Pe. Dr. Antônio Manzatto, da PUC São Paulo.

Ele escreveu uma tese doutoral sobre Teologia e Literatura com o seguinte objeto de estudo: *Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado* (MANZATTO, 1994).

Este campo se tornou cada vez mais vasto. Por exemplo, existe uma Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (ALALITE); há uma Revista Brasileira de Literaturas e Teologias, a Teoliterária. Há, também, diversos grupos de pesquisa e linhas de pesquisa que estudam essa relação. Há um bom número de estudiosos que pesquisa a relação literatura e mística.

Recorremos a uma grande teóloga brasileira, Maria Clara Bingemer, da PUC Rio, cujos escritos, nos últimos tempos, também se enveredaram pelo campo da Teologia e Literatura, para testemunhar que há um traço sacramental na literatura: “O inegável antropocentrismo da literatura – que inventa e narra histórias humanas ou de personagens outros que falam com palavras humanas – se religa, então, ao antropocentrismo da teologia. E ambas, literatura e teologia, na arte de escrever imitando a vida para transformá-la, encontram sua fonte na inspiração que vem de mais além, cujo segredo é progressivamente desvendado pelos seres humanos que se dispõem a tratar mais intimamente com o mistério desta vida doada gratuitamente pelo Criador a suas criaturas” (BINGEMER, 2015, p. 22).

Apresentamos dois exemplares de poemas para ilustrar como o texto apela ao mistério. O primeiro é de um conterrâneo nosso, Murilo Mendes. É encantadora a beleza deste seu poema, que explicitamente apela ao Mistério. Confirmam:

SALMO N° 3 (Murilo Mendes)

*Eu te proclamo grande, admirável,
Não porque fizeste o sol para presidir o dia
E as estrelas para presidirem a noite;
Não porque fizeste a terra e tudo que se contém nela,
Frutos do campo, flores, cinemas e locomotivas;
Não porque fizestes o mar e tudo o que se contém nele,
Seus animais, suas plantas, seus submarinos, suas sereias:
Eu te proclamo grande e admirável eternamente
Porque te fazes minúsculo na eucaristia,
Tanto assim que qualquer um, mesmo frágil, te contém.
(MENDES, 2000, p. 56).*

Eis o segundo poema. Falo desse poema em primeira pessoa por se tratar de uma experiência pessoal. O autor do poema é Jacob Riis, dinamarquês que viveu nos Estados Unidos, fez fama como fotógrafo e ali faleceu em 1914. Escutei esse poema apenas uma vez, pela rádio, na estrada enquanto viajava. Mas suas palavras foram de uma contundência inacreditável. Provocaram em mim um misto de consolo e de ânimo, de curiosidade e apelo para escutá-lo novamente. Desse modo, pedi ajuda para procurar o texto. Um amigo consultou o programa da rádio, encontrou o poema e me enviou. Reli-o várias vezes. Falei dele com pessoas próximas. O poema despertava em mim uma coragem nova. Aquela que se

chama perseverança. Em mim, o desânimo era vencido pela energia nova que brotava de meu interior (SILVA, 2021, p. 84-85). Convencido estava que nada é fácil. Antes, tudo pede trabalho. Até mesmo para o poeta a escrita é um ofício.

Eis o poema:

“Quando nada parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes sem que nem uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas e eu sei que não foi aquela a que consegui, mas todas as que vieram antes”.

Vi em mim o próprio cortador de pedras, insistente, incansável, perseverante a martelar a própria vida. É preciso energia e determinação, como atitudes ascéticas para o duro exercício de martelar. Pensei que eu mesmo poderia ser a pedra, resistente a me abrir ao novo, a aceitar as surpresas da vida, a acolher as novidades desconcertantes. Lembrei-me do processo cheio de detalhes da lapidação de pedras preciosas. Na meditação imaginei Deus, que não desiste de nenhum de nós. Tudo concorre para o êxito da graça. Estava ali, naquele poema, um traço sacramental, ou, um apelo ao Mistério.

Concluindo...

Encerrando esta reflexão, pontuamos duas perspectivas. Justifiquemos cada uma delas com os ensinamentos do querido Papa Francisco.

A primeira perspectiva é de reconhecer a arte (cristã ou não cristã) como ponte para o diálogo. Papa Francisco assim disse na *Evangelii Gaudium*, n. 257: “Como crentes, sentimos-nos próximos também de todos aqueles que, não se reconhecendo parte de qualquer tradição religiosa, buscam sinceramente a verdade, a bondade e a beleza, que, para nós, têm a sua máxima expressão e a sua fonte em Deus. Nós os sentimos como preciosos aliados no compromisso pela defesa da dignidade humana, na construção duma convivência pacífica entre os povos e na guarda da criação”. Lembra-nos de que há espaços onde “crentes e não-crentes podem dialogar sobre os temas fundamentais da ética, da arte e da ciência, e sobre a busca da transcendência. Também este é um caminho de paz para o nosso mundo ferido”.

O Vicariato para a Cultura e a Educação da Arquidiocese de Goiânia recebeu de nossa parte uma tarefa importante: é preciso organizar em nossa igreja a Pastoral da Cultura, como espaço privilegiado de diálogo com artistas e com a cultura local.

A segunda perspectiva refere-se à necessidade de promover a arte, portanto, toca diretamente o âmbito da educação. Citamos mais uma vez o Papa Francisco: “A primeira coisa que vos quero dizer, caros jovens, é a seguinte: *fazei emergir a vossa beleza!* Não aquela de acordo com as modas do mundo, mas a verdadeira. Num mundo sufocado por tanta fealdade, que possais levar aquela beleza que nos pertence desde sempre, desde o primeiro momento da criação, quando Deus fez o homem à própria imagem e viu que era muito bom. [...] Para tal finalidade, convido-vos a estreitar um ‘pacto global da beleza’ com todos os jovens do mundo, pois não há educação sem beleza. «Não se pode educar sem induzir à beleza, sem induzir o coração à beleza. Forçando um pouco o discurso, ousa dizer que a educação não é eficaz se não souber criar poetas. O caminho da beleza é um desafio que deve ser enfrentado»”. A beleza de que estamos a falar, diz o Papa,

“não é aquela fechada em si mesma, como Narciso que, apaixonando-se pela própria imagem, acabou por se afogar no lago onde se refletia. Estamos a falar daquela beleza que nunca desvanece porque é um reflexo da beleza divina: pois o nosso Deus é inseparavelmente bom, verdadeiro e belo. E a beleza é uma das formas privilegiadas de chegar a Ele” (FRANCISCO, 2022).

Usemos da inteligência, da criatividade, da sensibilidade, do desejo para promovermos as artes, em suas diversas expressões. Estejam certos. Pela beleza muitos chegarão à experiência do Mistério. E a vida é mais gostosa de ser vivida quando entre desafios e dificuldades, tristezas e lutas, há espaço e tempo para curtir e degustar a beleza nas expressões artísticas. Precisamos de segurança. No entanto, mais precisamos de cultivar a educação para as artes em nossas famílias, em nossas escolas. Obrigado pela atenção. Vamos à melhor parte. Bom concerto para todos.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário Básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BINGEMER, Maria Clara. *Teologia e Literatura*. Afinidades e segredos compartilhados. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Editora PUC, 2015.

BOAS, Alex Villas. *Teologia em diálogo com a Literatura*. Origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Paulus, 2016.

BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 14 abr. 2023.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos participantes no Projeto Ursolino do “Pacto Educativo Global”. 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2022/documents/20220921-messaggio-pattoeducativo.html> Acesso em: 14 abr. 2023.

JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II aos Artistas*. 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html Acesso em: 14 abr. 2023.

MANZATTO, Antônio. *Teologia e Literatura*. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MENDES, Murilo. *Melhores Poemas*. Seleção de Luciana Stegagno Picchio. São Paulo: Global, 2000.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da Liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2006.

SILVA, João J. de Medeiros. *Diakonia da Palavra*. Montes Claros: Ed. do Autor, 2021, 84-85.

VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html Acesso em: 14 abr. 2023.

VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html Acesso em: 14 abr. 2023.